

# A perspectiva hermenêutica pentecostal contemporânea: o texto bíblico como um enunciado concreto

The contemporary pentecostal hermeneutical perspective: the biblical text as a concrete statement

*João Batista Costa Gonçalves<sup>1</sup>*

*Francisco Geilson Rocha da Silva<sup>2</sup>*

**Resumo:** A teologia pentecostal vem se revelando, nos últimos anos, um locus de importantes discussões e contribuições ao pensamento teológico de maneira geral. Essa colaboração deve-se menos às questões de ordem ético-doutrinária e mais à perspectiva epistemológica que envolve o fazer teológico, sobretudo, na área da Hermenêutica Bíblica. Diferentemente da tradição hermenêutica reformada, a teologia pentecostal tem se aberto a uma franca interlocução com as áreas que pensam o sentido como construção, mesmo sem abrir mão do elemento propositivo da fé cristã. Assim, tomando como corpus de análise textos extraídos de Oliveira e Terra (2018), observamos aproximações entre a metalinguística bakhtiniana (BAKHTIN, 2015), importante teoria da linguagem do século XX, e a visão hermenêutica pentecostal, com base nas quais o texto bíblico pode ser pensado como um enunciado concreto (BAKHTIN, 2011).

---

Artigo recebido em: 25 de jan. de 2023

Aprovado em: 20 de fev. 2023

<sup>1</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (Universidade Federal do Ceará). Professor do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UECE (Universidade Estadual do Ceará). <http://lattes.cnpq.br/3777385545958082>; E-mail: joao.goncalves@uece.br

<sup>2</sup> Bacharel em teologia pela Faculdade de Teologia do Ceará (FATECE). Mestre e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE (Universidade Estadual do Ceará). <https://lattes.cnpq.br/5624531859081234> E-mail: francisco.rocha@aluno.uece.br

**Palavras-chave:** hermenêutica pentecostal; teologia; metalinguística bakhtiniana; texto bíblico; enunciado concreto.

**Abstract:** The pentecostal theology has revealed itself, in recent years, as a locus of important discussions and contributions to theological thinking in general. This collaboration is due less to ethical-doctrinal issues and more to the epistemological perspective that involves theological doing, especially in the area of Biblical Hermeneutics. Unlike the reformed hermeneutic tradition, pentecostal theology has been open to honest dialogue with areas who think of the meaning as construction, even without giving up the propositional element of the Christian faith. Thus, taking as a corpus of analysis the texts extracted from Oliveira and Terra (2018), we observed approximations between the bakhtinian translinguistic (BAKHTIN, 2015), important theory of language, from the 20th century, and the hermeneutical pentecostal view, based on which the biblical text can be thought as a concrete enunciation (BAKHTIN, 2011).

**Keywords:** pentecostal hermeneutic; theology; bakhtinian metalinguistics; biblical text; concrete enunciation.

## Introdução

Há alguns anos, nos círculos de produção acadêmico-teológica, não víamos transitar com muita frequência, pelo menos no que se refere à realidade brasileira, trabalhos realizados por teólogos(as)/pensadores(as) pentecostais, partindo de pressupostos teóricos e epistemológicos harmonizados com a perspectiva vivencial e com a leitura de mundo desse grupo, tendo como princípio organizador elementos e preocupações distintamente atrelados à forma pentecostal de viver a fé.

Falar do impacto causado pelo movimento carismático-pentecostal contemporâneo, desde o início do século XX, é lugar-comum, visto ser de conhecimento geral o seu significativo crescimento, alcançando, inclusive, em várias partes do mundo, uma maior representatividade numérica que outros grupos cristãos. Esse impacto também pode ser verificado na forte influência que a cosmovisão pentecostal vem paulatinamente exercendo sobre outras tradições religiosas. Há tempos que o Brasil, “o maior país pentecostal do mundo”<sup>3</sup>, vem se mostrando cada vez mais pentecostal na liturgia

---

<sup>3</sup> BEGUOCI, Leandro. Brasil é o maior país pentecostal do mundo. In: Observatório da Imprensa, Campinas-SP, 2007. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/entre-aspas/brasil-e-o-maior-pais-pentecostal-do-mundo/>>.

e na teologia, algo visto, já na década de 90, como um processo de “pentecostalização” da igreja evangélica brasileira<sup>4</sup>.

Na contramão desse cenário estatisticamente tão favorável, sempre esteve a questão do desenvolvimento teológico. McGee<sup>5</sup>, aludindo a um pensamento quase senso comum no meio cristão, faz menção do pentecostalismo como um “movimento à procura de uma teologia”. Apesar da realidade estadunidense dar mostras da existência de uma sólida e bem elaborada “tradição teológica” pentecostal, quando o olhar se volta para a realidade brasileira, a “procura” permanece, pois o que vemos (ainda que com entusiasmo) é algo ainda incipiente e em desenvolvimento.

Mesmo cientes dos primeiros esforços de sistematização da doutrina pentecostal através de periódicos como *Voz da Verdade*, *Boa Semente*, *Som Alegre*, *Mensageiro da Paz*<sup>6</sup> e da própria Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) – iniciada nos anos 40 –, além da convicção que temos da importância de nomes como Antônio Gilberto, Claudionor de Andrade, Elienai Cabral, Orlando Boyer et. al. para o pentecostalismo, a tônica do movimento foi sendo a de elaborações teológicas se dando à sombra de outras tradições (especialmente a reformada), gerando um vácuo considerável de contribuições gestadas a partir da realidade e do modo pentecostal de ser, de produções dignas de serem classificadas como “teologia tipicamente pentecostal”.

Portanto, como resultado dessa subserviência do pensamento pentecostal a outras perspectivas teológicas, como as de lastro histórico-reformadas, o que tem chegado às bibliotecas das mais diversas denominações pentecostais, às salas de escola bíblica e aos espaços acadêmicos de formação teológica dessas igrejas são obras elaboradas a partir de empréstimos teóricos e metodológicos alheios a elementos caros ao universo pentecostal, como a experiência e a narratividade<sup>7</sup>, nas quais apenas alguns tópicos de teor pentecostal como “batismo no Espírito Santo” e “dons espirituais” são adicionados.

---

<sup>4</sup> RODRIGUES, Ricardo Gondim. Compreendendo o universo pentecostal e estabelecendo as bases para o diálogo. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, Ano III, n. 13, 1995, p. 77-86.

<sup>5</sup> MCGEE, Gary B. Panorama histórico. In: HORTON, Stanley M. (org.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: 1996, p. 11.

<sup>6</sup> MCGEE, 1996.

<sup>7</sup> OLIVEIRA, David Mesquiati de; TERRA, Kenner Roger Cazotto. *Experiência e Hermenêutica Pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

Atualmente, porém, como forma de atender as demandas do protestantismo em geral por uma resposta bíblico-teológica e “socialmente coerente” sobre o que significa ser pentecostal<sup>8</sup>, bem como o desafio de definir de uma maneira clara o “terreno”, a região, o espaço de sua teologia dentro de uma tradição (cristã) que vem se construindo há mais de dois mil anos, observa-se uma profusão de trabalhos e pesquisas (textos, dissertações, teses, artigos acadêmicos etc.)<sup>9</sup> sendo produzidas por pentecostais na esfera acadêmica, tanto na área da teologia propriamente dita como em outros arredores disciplinares, não apenas no afã de se construir uma teologia pentecostal brasileira, mas de demarcar o âmbito universitário também como um lugar de pentecostais.

Essas recentes publicações, sobretudo, na área da Hermenêutica Bíblica, caminham na direção de articular e alinhar “uma identidade teológica que seja propriamente pentecostal”<sup>10</sup>, mostrando-se destemida e aberta ao diálogo com as ciências da linguagem, mas sem necessariamente ceder espaços a um tipo de interpretação no qual o texto bíblico seja concebido como repositório de múltiplos e válidos significados, numa espécie de “vale-tudo hermenêutico”.

O presente texto, diante disso, é uma tentativa de traçar pontos de contato entre a perspectiva hermenêutica pentecostal contemporânea e um dos pilares conceituais da proposta teórica do

---

<sup>8</sup> MENZIES, William W.; MENZIES, Robert P. No poder do Espírito: fundamentos da experiência pentecostal: um chamado ao diálogo. São Paulo: Editora Vida, 2002; SANTOS, Valmir Nascimento Milomem. Teologia pentecostal na praça pública: desafios e diretrizes para uma interface com a esfera pública. Revista Enfoque Teológico, São Paulo, v. 3, n. 1, 2016, p. 91-126.

<sup>9</sup> Podemos tomar como exemplo desse momento teoricamente prolífico tanto os textos de Oliveira e Terra (2018), alguns deles trazidos nesse artigo como *corpus* de análise, como Siqueira e Terra (2020), no qual se discute a possibilidade e plausibilidade de uma hermenêutica tipicamente pentecostal. No que se refere às contribuições de pentecostais para outras áreas, menciono Alencar (2000) e (2012), com duas significativas pesquisas desenvolvidas no campo das Ciências da Religião sobre a Igreja Assembleia de Deus.

<sup>10</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 19.

Círculo de Bakhtin<sup>11</sup>, que é a noção de enunciado concreto<sup>12</sup>, verificando até que ponto o texto bíblico, dentro dessa tradição hermenêutica, não está sendo lido como uma unidade contextualizada de significação, ou seja, como um enunciado concreto<sup>13</sup>.

Nossa discussão, em termos de organização, seguirá os seguintes passos: primeiramente, falaremos resumidamente sobre a proposta teórica do pensamento bakhtiniano; logo em seguida, nossas energias estarão depositadas em esclarecer o conceito de enunciado concreto, na perspectiva círculo-bakhtiniano; para fechar nossa discussão, mostraremos os possíveis pontos de contato entre a perspectiva hermenêutica pentecostal e a noção de enunciado concreto.

### **1. A proposta teórica do Círculo de Bakhtin: o diálogo como lei maior.**

É fato inquestionável nos estudos da linguagem e nas Ciências Humanas de maneira geral a visão da obra do russo Mikhail Bakhtin e de seu Círculo como uma rica contribuição teórica e metodológica com grande repercussão nas mais diversas áreas do conhecimento (Teoria Literária, Linguística, Linguística Aplicada, Filosofia, Educação, Ciências Sociais, Psicologia, Teologia, Ciências da Religião etc.), resultado das preocupações nucleares que atravessam e dão sustentação à arquitetura bakhtiniana, a saber, a linguagem, o sentido, o sujeito e o social.

Essa abertura para a relação com os diversos campos disciplinares atesta, por um lado, a realidade de ser o diálogo o principal distintivo do pensamento do filósofo russo e, por outro,

---

<sup>11</sup> Convencionou-se chamar de “Círculo de Bakhtin” – mas não sem polêmica – ao conjunto da obra e formulações desenvolvidas em torno da linguagem, a partir das reflexões de um grupo de intelectuais, de diferentes áreas, que se reuniam na Rússia, no início do século XX, entre as décadas de 20 e 30 (PAULA, 2013), dos quais Bakhtin, Volóchinov e Medviédev são os mais conhecidos. Conforme Brait (2016), a questão sobre quem, de fato, integrava o grupo é bastante disputada.

<sup>12</sup> BAKHTIN, Mikhail. Por uma filosofia do ato responsável. Trad. Valdemir Miotelo e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010; MOLON, Newton Duarte; VIANNA, Rodolfo. O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada / The Bakhtin Circle and Applied Linguistics. Bakhtiniana, São Paulo, v. 7, n<sup>o</sup>. 2, Jul/Dez. 2012. p. 142-165.

<sup>13</sup> BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado / enunciado concreto / enunciação. In: BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2013.

reafirma o potencial interdisciplinar das discussões realizadas ao longo dos textos que formam o chamado “Círculo de Bakhtin”.

Diante da extensão da obra e do pensamento bakhtiniano, faz-se necessário, especialmente para quem deseja se iniciar nessa teoria, um alerta: ancorar-se nas ideias e nas noções de Bakhtin é atrever-se a desbravar um verdadeiro universo conceitual que impõe ao leitor, além de paciente investigação, uma boa dose de esforço e lucidez para saber relacionar e fazer conversar textos espalhados em várias obras escritas não apenas pelo teórico russo, mas também por outros integrantes do “Círculo”, do qual se destacaram, além do autor de **Problemas da Poética de Dostoiévski** (doravante PPD) autores como Matvei I. Kagan, Lev V. Pumpiánski, Ivan I. Sollertínski, M. Iúdina, K. Váguinov, B. Zubáلكin, mas, sobretudo, ao lado de Bakhtin, Pável N. Medviédev e Valentin N. Volóchinov.

Tal necessidade ocorre porque os conceitos desenvolvidos por esses pensadores não encontram acabamento final em nenhuma obra específica, mas se acham fragmentados ao longo dos textos por eles produzidos. A arquitetura conceitual do “Círculo” não está sistematizada, devendo, para ser apreendida, proceder-se de uma leitura “dialógica”, por meio da qual o(a) leitor(a) faz conversar diversos escritos, produzidos em ocasiões diferentes e, às vezes, por autores distintos.

Esse é o tipo de aproximação que confere ao leitor(a)/pesquisador(a) a possibilidade de uma razoável compreensão “dos posicionamentos essenciais diante da linguagem, da vida e dos sujeitos que aí se instauram e se constituem”<sup>14</sup>, assumidos pelo “Círculo”.

Dentre as principais contribuições desenvolvidas por esses teóricos estão os conceitos de *dialogismo*, *interação discursiva*, *enunciado concreto*, e *signo ideológico*. Este quarteto conceitual é tido por alguns pesquisadores como pilares fundamentais sobre os quais a concepção de linguagem do Círculo bakhtiniano se ergue<sup>15</sup>.

Dentro do arcabouço teórico bakhtiniano, os conceitos estão claramente imbricados, de modo que seria insuficiente introduzir uma discussão, por exemplo, a respeito de *interação discursiva* sem fazer menção aos conceitos de *enunciado concreto*, *gêneros discursivos*, *estilo* e *dialogismo*. Da mesma forma, como se tornaria no mínimo incompleta uma apreciação de *signo ideológico* que não trouxesse, em seu bojo, um tratamento pontual sobre o conceito de ideologia. É desta forma interligada que caminha a arquitetura conceitual bakhtiniana.

---

<sup>14</sup> BRAIT, 2013, p. 9

<sup>15</sup> MOLON; VIANNA, 2012, p. 146

Mas, antes de discutirmos sobre o conceito de *enunciado concreto*, noção teórica que, como iremos ver, responde pela forma como o(a) pentecostal-carismático(a) se aproxima e lê o texto bíblico, veremos como o tipo de recepção da teoria bakhtiniana, em solo brasileiro, fez surgir, como consequência, uma perspectiva teórico-metodológica chamada “Análise Dialógica do Discurso” (doravante ADD) que, efetivamente, é um modo de conceber a linguagem e os sujeitos, de lidar com os discursos, motivada pelo conjunto das obras do Círculo<sup>16</sup>, além de ser o resultado da forma como os escritos do “Círculo” foram lidos aqui no Brasil, ou seja, como um tipo de análise de discurso<sup>17</sup>.

Pode-se datar o nascimento da ADD exatamente no capítulo “O discurso em Dostoiévski”<sup>18</sup>, da obra PPD, de Bakhtin, na qual o filósofo disserta sobre a *Metalinguística*<sup>19 20</sup>, nos seguintes termos:

Intitulamos este capítulo “O discurso em Dostoiévski” porque temos em vista o discurso, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva, e não a língua como objeto específico da lingüística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela lingüística, os que têm importância primordial para os nossos fins. Por esse

---

<sup>16</sup> BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010.

<sup>17</sup> PAULA, Luciana de. Círculo de Bakhtin: uma análise dialógica do discurso. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, jan./jul. 2013, p. 239-258.

<sup>18</sup> BRAIT, 2010.

<sup>19</sup> Translinguística e Metalinguística, bakhtinianamente tem o mesmo significado, ou seja, uma teoria e também um método de análise que tem como foco de investigação a língua em sua integridade concreta e viva, considerando as contribuições legadas pelos estudos linguísticos, mas transpondo-os, pois as relações dialógicas, constitutivas de todo discurso, são extralinguísticas, necessitando, para tanto, de uma ciência (disciplina) que se esforce em captar o discurso pelo “ângulo dialógico”, como afirma o próprio Bakhtin (2015a). Porém, em decorrência de possíveis ambiguidades geradas pela palavra “metalinguística”, alguns autores, como Faraco (2009), optam pela palavra “translinguística”. Por recorrermos a uma tradução de PPD (BAKHTIN, 2015) que traz a palavra “metalinguística”, optamos, por uma questão de coerência, por usá-la nesse trabalho.

<sup>20</sup> FARACO, Carlos. Alberto. Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

motivo as nossas análises subseqüentes não são lingüísticas no sentido rigoroso do termo. Podem ser situadas na metalingüística, subentendendo-a como um estudo – ainda não constituído em disciplinas particulares definidas – daqueles aspectos do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da lingüística. As pesquisas metalingüísticas, evidentemente, não podem ignorar a lingüística e devem aplicar os seus resultados. A lingüística e a metalingüística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso –, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão<sup>21</sup>.

Uma das características das discussões desenvolvidas no PPD é o paulatino e perceptível refinamento que autor russo vai concedendo à sua teoria, ao longo dos textos. Um momento crucial no qual se observa esse movimento progressivo, como destaca Brait<sup>22</sup>, é a ocasião em que Bakhtin substitui, como objeto de estudo da *Translingüística*, o termo *discurso* por *relações dialógicas*. Esse refinamento se fez necessário para que Bakhtin pudesse tornar ainda mais claro em que momento o lingüístico e o extralingüístico se [des]encontram dentro de um estudo cujo foco seja as *relações dialógicas*.

A *Translingüística*, bem como a ADD, tem como uma de suas marcas mais importantes a “[...] sua forma de conceber a linguagem e de enfrentar a complexidade do discurso”<sup>23</sup>, complexidade que deve levar o analista dialógico do discurso a perceber a relevância dos aspectos internos e externos do discurso, sem a exclusão de nenhuma dessas dimensões, mas sempre estabelecendo um “ponto de vista dialógico” entre ambos<sup>24</sup>.

Portanto, quem lida com a linguagem ancorado na ADD interage com enunciados (discursos) vivos, com autores reais, com sujeitos que expressam discursivamente seus posicionamentos avaliativos, suas cosmovisões e ideologias. Assim, o analista deve observar escolhas lexicais, organização sintática, campos semânticos, por exemplo, mas seu foco deixa de ser a mera materialidade lingüística e chega a contextos mais amplos, que transcendem o

---

<sup>21</sup> BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoievski. 5ª. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015, p. 207.

<sup>22</sup> BRAIT, 2010, p. 12.

<sup>23</sup> BRAIT, 2010, p. 12.

<sup>24</sup> BRAIT, 2010, p. 13.



elemento formal, porque as *relações dialógicas*, objeto de estudo da *Translingüística*, “são extralingüísticas”<sup>25</sup>.

Está entre os principais distintivos da ADD, enquanto teoria e método de análise, a inclinação para “pesquisa orientada ao problema”, ao invés da tradicional forma de se executar “pesquisa dirigida a partir da teoria ou do método”<sup>26</sup>, ou seja, “não aplicar conceitos a fim de compreender um discurso, mas deixar que os discursos revelem sua forma de produzir sentido, a partir do ponto de vista dialógico, num embate”<sup>27</sup>.

Esse procedimento pode ser verificado em duas das principais obras de Bakhtin, a saber, PPD e **Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais** (doravante CPIMR), nas quais o filósofo russo claramente prioriza a observação meticulosa de um “*corpus* discursivo” para, a partir disso, chegar aos importantes conceitos de *polifonia* e *carnevalização*.

Com base nessa breve descrição da ADD e no que se vem desenvolvendo no campo da hermenêutica pentecostal contemporânea, vemos férteis possibilidades de diálogo. Todo o legado do Círculo se oferece como uma rica possibilidade de contribuir no trabalho de aprofundamento e clarificação do pensamento pentecostal.

Passemos agora a discutir o conceito que diretamente nos interessa: o *enunciado concreto*.

## **2. A realidade efetiva da linguagem: o *enunciado concreto*.**

Uma das mais frutíferas discussões encetadas pela filosofia da linguagem, encorpadas após a “virada linguístico-pragmática”<sup>28</sup>, refere-se à questão do significado. Basicamente, desde o primeiro

---

<sup>25</sup> BAKHTIN, 2015, p. 209.

<sup>26</sup> OLIVEIRA, Gustavo Gilson; OLIVEIRA, Anna Luiza; MESQUITA, Rui Gomes de. Teoria do discurso de Laclau e Mouffe e a pesquisa em educação. *Educação & Realidade*. Recife-Pe, v. 38, n.4, out./dez. 2013, p. 1331.

<sup>27</sup> BRAIT, 2010, p. 24.

<sup>28</sup> Momento em que a linguagem passa a ser uma preocupação central na filosofia, inicialmente a linguagem tomada numa perspectiva lógica, formal, como se via na Filosofia Analítica, mas posteriormente a linguagem concebida como uma entidade que se funda no uso, nas interações discursivas entre sujeitos, em determinados contextos sociais e históricos, como postula, por exemplo, a Pragmática e as Análises de Discurso.

momento, representado pela obra **Crátilo**<sup>29</sup>, no qual se pôde vislumbrar uma teorização da linguagem, o debate tem se concentrado, em linhas gerais, na perspectiva do significado (ou sentido) como representação linguística de uma realidade pré-existente – as palavras funcionando “como sucedâneos de entidades extra-linguísticas”<sup>30</sup> – ou na visão do significado como entidade fundada no discurso, atrelado aos usos em certos contextos, como pensou o Wittgenstein, de **Investigações Filosóficas**.

Essa discussão não é ignorada pelo Círculo de Bakhtin, de maneira que alguns dos mais importantes conceitos gerados nessa teoria como o de *relações dialógicas (dialogismo)*, *signo ideológico*, *tema*, *significação e enunciado concreto*<sup>31</sup> etc., surgem também de modo tributária a esse debate, como se pode ver de maneira mais explícita em **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, de Valentin Volóchinov, membro exponencial do Círculo.

Dessa maneira, pensar em *enunciado concreto* é vislumbrar o significado emergindo da interação discursiva travada entre sujeitos e/ou discursos, como uma unidade de comunicação e cuja significação sempre é situada, contextualizada, visão teórica diretamente ligada às várias correntes teóricas como a Pragmática e as Análise de Discurso (crítica e de linha francesa), que igualmente prenunciam “o caráter extralinguístico do enunciado”<sup>32</sup>.

Para Volóchinov, “[...] o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou vários enunciados” é “[...] a realidade efetiva da linguagem”<sup>33</sup>. Essa interação se dá de maneira viva, através, não de sentenças sem autor, mas de *enunciados*

---

<sup>29</sup> PLATÃO. Diálogos (v. IX) – Teeteto e Crátilo. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém, PA: Universidade Federal do Pará, 1973.

<sup>30</sup> MARTINS, Helena. Sobre a estabilidade do significado em Wittgenstein. *Veredas: Revista de estudos linguísticos*, v. 4, n. 2, Juiz de Fora, MG, 2000, p. 19-42.

<sup>31</sup> Na perspectiva do Círculo de Bakhtin, *enunciado/ enunciado concreto e enunciação* são conceitos sinonímicos, relativos todos eles a “discurso verbal, à palavra e a evento”, diferente do que se dá em outras teorias como que optam por diferenciar enunciado de enunciação, como faz Oswald Ducrot para quem, em sua “pragmática semântica”, o material linguístico empregado em dada situação estaria para o enunciado e o acontecimento histórico forjado pelo aparecimento de um enunciado estaria para enunciação (BRAIT e MELO, 2013).

<sup>32</sup> BRAIT; MELO, 2013, p. 63.

<sup>33</sup> VOLOCHÍNOV, Valentin. *Marxismo de Filosofia da Linguagem*. Trad. Sheila Grillo e EkaterinaVólkova Américo, 1ª. Ed. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 218-219.

*concretos* proferidos por sujeitos sócio-historicamente situados, sobretudo, através do diálogo, este tomado num sentido restrito de comunicação face a face e também num sentido amplo, como representação da responsividade consciente ou inconsciente que cada discurso pressupõe. No texto intitulado “A construção da enunciação”, Volóchinov<sup>34</sup> observa ser a linguagem um “fenômeno de *duas faces*”, de maneira que cada enunciação, para acontecer, requer “a existência não só de um falante, mas também de um ouvinte”, dando mais uma prova de que enunciado concreto é diálogo.

Mas quais seriam as principais características do *enunciado concreto* e que nos fornecem, como postulamos nesse trabalho, a possibilidade de pensarmos a leitura bíblica pentecostal como uma ação hermenêutica operada não simplesmente com sentenças, mas com a “realidade efetiva da linguagem”, ou seja, com *enunciados concretos*?

A primeira das características que marcam distintamente todo *enunciado concreto* é o fato de ele ser sempre produzido por sujeitos socio-historicamente contextualizados, afetados por determinado *zeitgeist*, que tomam como ponto de partida o mesmo “horizonte espacial”<sup>35</sup> e que compartilham um conhecimento, uma compreensão e uma avaliação da situação na qual estão inseridos<sup>36</sup>. Até mesmo as mais singelas e simplórias expressões de desejo, por exemplo, que nos parecem ser apenas fisiológicas, “tem uma clara estrutura sociológica”<sup>37</sup>.

Em razão disso, pode-se dizer que o *enunciado concreto* sempre tem autor e, por isso, responde a algo/algum e igualmente suscita uma resposta, seja esta imediata ou adiada:

Neste caso, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante.

---

<sup>34</sup> VOLOCHÍNOV, Valentin. A construção da enunciação e outros ensaios. Trad. João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

<sup>35</sup> BRAIT; MELO, 2013.

<sup>36</sup> VOLOCHÍNOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

<sup>37</sup> VOLÓCHINOV, 2013, p. 157.

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante<sup>38</sup>.

Outra característica indelével do *enunciado concreto*, consequência natural da marca supramencionada, é a inclusão da alteridade como condição *sine qua non* para sua existência. Sendo a língua tomada em sua realidade concreta, o *enunciado* não lida com sinais a serem reconhecidos e decodificados, mas com *signos ideológicos* sempre mutáveis, flexíveis, contextualizados, que refletem e refratam a realidade. Por seu aspecto situado e de estar sempre unida a uma determinada situação de fala, o *enunciado* depende de uma construção que se dá entre interlocutores, através da interação discursiva que recupera, em contextos concretos, não formas linguísticas idênticas, mas formas linguísticas investidas de novos significados, atrelados à instância enunciativa.

Por isso, o falante não *reconhece* o que o outro enuncia, mas *compreende*, pois a “[...] tarefa de compreensão não se reduz ao reconhecimento da forma usada, mas à sua compreensão em um contexto concreto [...]”<sup>39</sup>, considerando sempre o enunciado como inevitavelmente parte de um momento histórico, uma partícula do ininterrupto “rio da comunicação verbal”, como coloca Volóchinov<sup>40</sup>, assim como é ininterrupto o próprio fluxo da vida social.

Esses fatores sintetizam o que Volóchinov<sup>41</sup> chama de “subentendido”, ou seja, o conjunto de informações e dados não articulados verbalmente na interação, mas que contribuem na promoção de determinado material semiótico ao patamar de *enunciado*, sendo que qualquer discurso verbal quando mencionado afastado da situação extraverbal que o engendra “não pode, naturalmente, ser verdadeiro ou falso, ousado ou tímido”<sup>42</sup>, isto é, não comunica, não avalia, não responde e não pressupõe uma interação entre falantes.

Logo, o enunciado une interlocutores, coparticipantes de um determinado contexto conhecido, entendido, avaliado e “subentendido” de maneira igual pelos interlocutores, gerando a conjuntura ideal para o diálogo. Assim, o *enunciado* é como “[...] uma

---

<sup>38</sup> BAKHTIN, 2011, p. 271.

<sup>39</sup> VOLÓCHINOV, 2017, p. 177.

<sup>40</sup> VOLÓCHINOV, 2013, p. 158.

<sup>41</sup> VOLÓCHINOV, 2019, p. 119.

<sup>42</sup> VOLÓCHINOV, 2019, p. 188.

‘senha’ conhecida apenas por aqueles que pertencem ao mesmo horizonte social”, simplesmente enredado e “entrelaçado por mil fios ao contexto extraverbal da vida”<sup>43</sup>, de maneira que isolá-lo desses elementos esvazia-o de sentido.

Uma última marca do *enunciado* a qual damos destaque é sua “conclusibilidade”. Todo *enunciado* tem forçosamente um “ponto final”, implicando a permanente existência de um antes e de um depois do meu *enunciado*, pois este não se repete no discurso de outras pessoas. Nesse caso, quer-se postular não a possibilidade de um acabamento pleno de algo sobre o qual enunciamos, mas a “relativa conclusibilidade,” possibilitada pela exclusividade das condições sócio-históricas de certa situação contextual, bem como de determinados objetivos colocados por quem fala, que recobrem o *enunciado* e que são, por certo, irreprisáveis.

Em razão dessa “exauribilidade semântico-objetal do tema do enunciado”, como destaca o filósofo russo<sup>44</sup>, ainda que meu interlocutor resolva citar *ipsis litteris* minhas palavras, não será a retomada do meu *enunciado*, mas a construção de um novo. Tanto o que enuncio como o que outros enunciam após a minha fala se constituem como resposta, independente da forma linguística e do tom empregados.

Realizada essa breve discussão sobre o *enunciado concreto*, passemos agora para a análise de alguns pontos levantados nas atuais discussões sobre o modo *sui generis* de leitura pentecostal da Bíblia e observemos até que ponto essa prática hermenêutica remete o texto bíblico à categoria de *enunciado concreto*.

Na ocasião das análises, tomaremos por base as principais linhas de força responsáveis por definir o que vem a ser o *enunciado concreto*, a saber, algo produzido por sujeitos situados num determinado tempo e espaço histórico-social, a partir da interação discursiva entre interlocutores, numa situação concreta de uso da língua e que, por conta desses aspectos, jamais pode se repetir, mas apenas se atualizar, assumindo contornos de um novo enunciado.

Para a nossa análise, selecionamos, para compor nosso *corpus*, alguns trechos dos seguintes textos: “A Experiência Pentecostal como Lugar Hermenêutico” e “A Leitura Bíblica Pentecostal e a Experiência do Espírito”, todos de Oliveira e Terra<sup>45 46</sup>.

---

<sup>43</sup> VOLÓCHINOV, 2019, p. 121.

<sup>44</sup> BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 281.

<sup>45</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018.

<sup>46</sup> Essa obra é, na verdade, uma coletânea de diversos artigos, provenientes dos esforços e dos estudos de dois pesquisadores pentecostais, ambos

### **3. Hermenêutica pentecostal: o texto sagrado lido como enunciado concreto.**

Muitas das discussões dentro da teoria e crítica literárias contemporâneas tomam por base o papel exercido pelo leitor diante do texto, como se dá no caso da Estética da Recepção e o seu deslocamento da figura do autor para o leitor, além dos diversos estudos (e estudiosos) interessados no modo como a obra afeta o leitor<sup>47 48</sup>. Isso em razão da reviravolta verificada na passagem dos anos setenta para os anos oitenta, nos estudos literários, nos quais a perspectiva “estruturalista”<sup>49</sup>, com seu foco no texto em si, passou a dar lugar a uma preocupação hermenêutica mais “pós-

---

professores de pós-graduação da Faculdade Unida de Vitória (ES), nas áreas das Ciências da Religião e da Teologia. O livro, cujo intuito é disponibilizar uma proposta de hermenêutica de lastro pentecostal em sintonia com os estudos da linguagem e com as mais atuais discussões e pesquisas nas Ciências Humanas, está dividido da seguinte forma: dos capítulos 1 ao capítulo 3, a discussão é de caráter mais teórico e metodológico, promovendo aproximações entre o campo da hermenêutica e os estudos da linguagem a Estética da Recepção e a Semiótica; do 4 até o capítulo 7, a ideia é mostrar as convergências entre a tradição pentecostal e a Reforma protestante; na parte final do livro, temos, nos capítulos 8 e 9, uma proposta pentecostal de ação pastoral e missionária, e no capítulo 10 um ensaio exegetico de Atos capítulo 2.

<sup>47</sup> COMPAGNON, Antoine. O demônio da teoria: literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

<sup>48</sup> Wolfgang Iser, Roman Ingarden, Hans-Georg Gadamer e Hans Robert Jauss estão entre os grandes estudiosos que propuseram o protagonismo do leitor no processo de leitura e interpretação do texto literário, contribuição que também vem afetando o trato com o texto bíblico.

<sup>49</sup> O estruturalismo – uma teoria e ao mesmo tempo um método de análise das ciências humanas – apesar de não ser criação de Saussure, descende do pensamento do mestre genebrino, do seu modelo linguístico no qual se observa, por exemplo, a priorização do estudo sincrônico da língua e a visão desta como um conjunto de “signos linguísticos” cujos significados são definidos, não na relação com elementos da realidade, mas a partir da relação de “dessemelhança” e “semelhança” que esses signos estabelecem entre si, dentro de um sistema linguístico, noção abarcada pelo conceito saussureano de “valor linguístico” (SAUSSURE, 2006). O estruturalismo se transformou num poderoso referencial teórico, com repercussão na Linguística, na Psicanálise, na Antropologia, na História, na Crítica Literária, no Marxismo, na Teoria Estética e nos estudos da cultura em geral, por meio do qual se podia fazer “análise semiótica e linguística da sociedade, da economia e da cultura” e de qualquer elemento que pudesse ser concebido como um sistema de significação (PETERS, 2000).

estruturalista”<sup>50</sup>, cuja prioridade era o modo como se dá a recepção dos textos<sup>51</sup>.

Quando pensamos em hermenêutica pentecostal, logo nos vem ao pensamento a íntima relação existente entre a forma como cristãos carismáticos leem a Bíblia e a preocupação dos estudos pós-estruturalistas com a recepção, haja vista ser a diferença básica entre a perspectiva hermenêutica pentecostal e a maneira como o protestantismo tradicional lê a Escritura a relação de profunda interação e encontro com o texto sagrado no qual a Bíblia é concebida como “sujeito” que interpela seus leitores<sup>52</sup>, não apenas como um recipiente de significados estáticos, acessíveis para quem mobiliza determinado método hermenêutico.

É por essa razão que a perspectiva hermenêutica pentecostal, que concebe a leitura bíblica como manifestação e encontro de sujeitos<sup>53</sup>, algo semelhantemente proposto por Gadamer ao falar de uma “fusão de horizontes” do texto e do leitor<sup>54 55</sup>, constitui-se, na verdade, numa perspectiva do texto sagrado como *enunciado concreto*, pois, como observa Volóchinov:

O enunciado concreto (e não a abstração linguística) nasce, vive e morre no processo de interação social entre os participantes do enunciado. O seu significado e a sua forma são determinados principalmente pela forma e pelo caráter dessa interação. Ao separar o enunciado do solo real que

---

<sup>50</sup> Essa expressão, mesmo na época em que surgiu, não expressava homogeneidade, ou algum tipo de unidade de pensamento, haja vista congregar, ao redor de si, uma considerável diversidade de teóricos que tinham em comum o intuito de dar uma resposta “distintivamente filosófica ao estruturalismo” (PETERS, 2000).

<sup>51</sup> RABENHORST, Eduardo R. Sobre os limites da interpretação. O debate entre Umberto Eco e Jacques Derrida. *Prim@Facie*, João Pessoa, ano 1, n. 1, jul./dez. 2002, p. 1-17.

<sup>52</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018.

<sup>53</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018.

<sup>54</sup> OSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. Trad. Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes, Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009; EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

<sup>55</sup> Para Gadamer (1999, p. 401), a leitura representa a “experiência do choque com um texto” por parte do leitor, de maneira que tal experiência se configura como um encontro com dizeres distintos das nossas próprias opiniões e expectativas, a experiência com a “alteridade do texto” (GADAMER, 1999, p. 405).

o nutre, perdemos a chave tanto da forma quanto do sentido [...]”<sup>56</sup>.

Em razão disso, a partir do momento em que se verifica na prática hermenêutica pentecostal cotidiana, tanto no nível devocional-individual como na esfera cômico-comunitária, o relacionamento com as Escrituras como um texto capaz de lhes falar e de lhes interpelar na ocasião da leitura, esse texto não se verifica mais como simples reunião de escritos estático-abstratos, mas passa a ser sujeito, a ter voz, uma alteridade com a qual o leitor experimenta uma relação viva, um grande “outro” ou, como pontuam Oliveira e Terra<sup>57</sup>, “um Tu eterno” com o qual o leitor se encontra e interage. Nessa perspectiva, o texto bíblico se reifica, podendo, assim, ser concebido como “[...] um enunciado que se coloca como a porta de entrada para um outro texto, um outro enunciado”<sup>58</sup>, a saber, aquele produzido pelo leitor.

Outro ponto a ser levado em consideração sobre a hermenêutica pentecostal refere-se à prática muito comum de tratar o texto bíblico não somente como um escrito ao qual se consulta em busca de alguma informação, mas como Palavra viva de Deus. Dessa forma, a ocasião na qual se dá a leitura (individual e, sobretudo, pública) das Escrituras, em decorrência da ênfase pentecostal na experiência, constitui-se como uma verdadeira *performance* na qual ocorrem constantes ressignificações das passagens lidas e uma apropriação visível desses conteúdos, cuja repercussão desse movimento de forte interação é a completa ressignificação do mundo e da vida de quem lê a Bíblia dessa maneira. Isso não significa, entretanto, negar a intenção autoral das Escrituras, mas dar primazia ao texto enquanto evento situado, propiciador de interlocução com o leitor, conceder “centralidade ao lugar do leitor”<sup>59</sup>.

Essa “corporificação” observada na hermenêutica pentecostal, na qual se verifica o primado do contexto de vida e da experiência vivida, está no âmago da noção bakhtiniana de “eventicidade”<sup>60</sup> ou “evento-de-ser” (que se atrela ao conceito de *enunciado concreto*) sem o qual nenhum sentido pode ser apreendido e entendido. Assim,

---

<sup>56</sup> VOLÓCHINOV, 2019, p. 128.

<sup>57</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 102.

<sup>58</sup> BRAIT; MELO, 2013, p. 69.

<sup>59</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 34.

<sup>60</sup> Esse e outros conceitos mais “filosóficos”, pensados por Bakhtin no início da sua carreira, podem ser recuperados a partir da leitura da obra *Para uma filosofia do ato responsável*, um dos seus primeiros textos, escrito no início dos anos 20, do século passado.



o sentido de qualquer elemento, seja a vida, seja o céu, seja a terra, seja uma planta, seja uma pessoa, seja um texto, “depende da relação entre esse objeto e seu observador – o sujeito encarnado, real, agindo responsabilmente no evento-de-ser singular”<sup>61</sup>, ou seja, em termos bakhtinianos, todo sentido ou significado emerge da relação “eu-tu” ou, mais precisamente falando, da relação *dialógica* entre *enunciados concretos*.

Portanto, quando Oliveira e Terra propõem ser a hermenêutica pentecostal um processo de resgate do leitor, “o qual tem no êxtase seus óculos interpretativos”<sup>62</sup>, que interfere diretamente na produção de sentido, que reexperiencia os textos bíblicos e que sugere a imaginação, a intuição e as emoções (e não apenas o racional) como outros caminhos para o conhecimento<sup>63</sup>, apresentam a vivência pentecostal com as Escrituras como sendo uma interação viva, mediada pela experiência e pelo Espírito Santo, a abertura para uma leitura “espiritualmente sensível”, “dinâmica e experiencial”, para uma “hermenêutica do Espírito”, como coloca Keener<sup>64</sup>, mas nunca desacompanhada da imprescindível exegese.

Dar ênfase à hermenêutica pentecostal como um processo no qual o trato com o texto bíblico se dá com forte destaque e valorização da perspectiva do leitor, esta por muito tempo subsumida a segundo plano pela abordagem hermenêutica tradicional, cujo protagonismo é inteiro da intenção autoral, é o que fazem Oliveira e Terra ao discutirem a noção de “leitura performática”, através da qual a experiência de leitura é a íntima relação entre o que está no texto e os horizontes e vivências do leitor. Ler de modo performático é interagir com o texto sem ficar preso “ao conhecido e decodificado”, mas poder “avançar e incorporar suspeitas, intuições e experiências pessoais”<sup>65</sup> de quem lê. Por ser a performance uma marca da leitura pentecostal, o acesso ao texto sagrado é sempre marcado por releituras, enriquecidas dinamicamente a cada nova interação com a Bíblia e pela proeminência concedida à experiência mística do leitor com o escrito sagrado (em detrimento do aspecto intelectual e racional), na

---

<sup>61</sup> RENFREW, Alastair. Mikhail Bakhtin. Trad. Marcos Macionilo. São Paulo: Parábola, 2017, p. 50.

<sup>62</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 34.

<sup>63</sup> O próprio Carl Popper, notável filósofo da Ciência, propunha serem nossas teorias fruto de um processo que envolvia elementos não completamente racionais como a imaginação, a criatividade e a intuição (SILVEIRA, 1996).

<sup>64</sup> KEENER, Craig S. *Hermenêutica do Espírito: lendo as Escrituras à luz do Pentecostes*. Trad. Daniel Hubert Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 31-32.

<sup>65</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 86.

qual este é identificado como “Palavra de Deus direta ao indivíduo e à comunidade”, “texto sagrado vivo”<sup>66</sup>, um livro, ao invés de objeto ou coisa; um escrito performaticamente concebido, através do qual Deus, “um *Tu eterno*”, torna conhecida Sua vontade, “letras vivas” que interpelam os(as) leitores que, do contexto no qual se encontram, travam relações com elas em busca de direção, orientação, conforto, consolo e sentido<sup>67</sup>.

Dessa forma, podemos dizer que o texto bíblico se apresenta ao pentecostal, não apenas na ordem da língua, da gramática, como frases descontextualizadas e sem autor, mas na ordem do discurso, como enunciado concreto, produzido por sujeitos situados contextualmente (a voz do Espírito que fala com o(a) crente na ocasião da leitura), produzido, dessa forma, na relação com a alteridade e que se constrói naquele momento como um “evento-de-ser” único, inimitável, concluso, mas nunca como o fomento de sentidos que contradizem as Escrituras, mas como um “dizer mais”, uma ampliação do que a Bíblia já disse<sup>68</sup>.

### Considerações finais

Muitas são as contribuições advindas do pentecostalismo ao mundo contemporâneo. Entretanto, não apenas o que foi discutido no presente artigo, mas os inúmeros trabalhos produzidos e que estão sendo elaborados aqui e em outras partes do mundo<sup>69</sup> nos mostram

---

<sup>66</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 93.

<sup>67</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 95.

<sup>68</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018.

<sup>69</sup> STRONSTAD, Roger. A teologia carismática de Lucas: trajetória do antigo Testamento a Lucas-Atos. Trad. Luís Aron de Menezes. Rio de Janeiro: CPAD, 2018a; STRONSTAD, Roger. Teologia lucana sob exame: experiências e modelos paradigmáticos em Lucas-Atos. Trad. Celso Roberto. Natal, RN: Carisma Editora, 2018b; SIQUEIRA, Gutierrez Fernandes; TERRA, Kenner Roger Cazotto. Autoridade bíblica e experiência no Espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismática. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2020; OLIVEIRA; TERRA, 2018; KEENER, 2018; NOEL, Bradley Truman. Pentecostal and postmodern hermeneutics: comparisons and contemporary impacts. 2007. 312f. Tese (Doutorado em Teologia) – Doutorado em Teologia Prática. University of South Africa. 2007; MENZIES; MENZIES, 2002.

que “[...] longe de ser uma provocação litúrgica, o pentecostalismo e sua formação teológica é uma provocação hermenêutica”<sup>70</sup>, uma proposta diferente de leitura e interpretação da Bíblia, se tomarmos como referência a hermenêutica protestante histórica. E essa diferença não se constitui, contudo, numa posição contrária à prática exegética tradicional, mas no compromisso de maior abertura e reconhecimento de que, no processo de compreensão e interpretação do texto sagrado, o leitor tem um papel de considerável importância.

Nessa perspectiva, o texto sagrado deixa de ser apenas um “armazém de verdades”, que pode ser simplesmente acessado, ou um depósito estático com o qual não se mantém uma relação viva, para assumir o papel de *enunciado concreto*, produzido, sim, por autores que, dentro de uma cosmovisão cristã, são inspirados por Deus, mas cujas vozes se atualizam a cada leitura do texto bíblico, esta se constituindo numa interação discursiva entre interlocutores.

Pensar numa hermenêutica pentecostal, portanto, não é negar a existência de um contexto histórico-social e temporal, específico dos hagiógrafos, mas considerar o espaço histórico-social no qual se dá a interação texto bíblico e leitor, a singularidade, a peculiaridade e a unicidade desse diálogo entre vozes que ali se relacionam, em que o leitor, mais do que codificar, responde responsavelmente, “sem álibe”, do lugar que ocupa no mundo<sup>71</sup>, ao texto sagrado, então enunciado concreto, num ininterrupto jogo de compreensão e escuta, “[...] escuta que fala, que responde, mesmo que não imediata e diretamente”<sup>72</sup>, que pensa de modo participativo.

Dessa forma, a leitura pentecostal é um evento que envolve pensamento, sentimento, desejo, fala e ação, na qual significados inquietos e abstratos se tornam significados concretos, enunciados concretos, pela ação de sujeitos concretos, dando a ao texto bíblico um aspecto sempre novo e único.

### referências

ALENCAR, Gedeon Freire de. Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus. Assembleia de Deus: origem,

---

<sup>70</sup> SIQUEIRA, Gutierrez Fernandes; TERRA, Kenner Roger Cazotto. Autoridade bíblica e experiência no Espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismática. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2020, p. 26.

<sup>71</sup> BAKHTIN, 2010.

<sup>72</sup> PONZIO, Augusto. A concepção bakhtiniana de ato como dar um passo. In: BAKHTIN, Mikhail. Por uma filosofia do ato responsável. Trad. Valdemir Miotelo e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010, p. 7.

implantação e militância (1911-1946). 2000. 159f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo-SP. 2000.

ALENCAR, Gedeon Freire de. Assembleias brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia – 1911 – 2011. 2012. 285f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, São Paulo. 2012.

BAKHTIN, Mikhail. Por uma filosofia do ato responsável. Trad. Valdemir Miotelo e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoievski. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BEGUOCI, Leandro. Brasil é o maior país pentecostal do mundo. In: Observatório da Imprensa, Campinas-SP, 2007. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/entre-aspas/brasil-e-o-maior-pais-pentecostal-do-mundo/>>.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado / enunciado concreto / enunciação. In: BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2013.

BRAIT, Beth. Problemas da poética de Dostoiévski e estudos da linguagem. In: BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin: dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2016.

COMPAGNON, Antoine. O demônio da teoria: literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FARACO, Carlos. Alberto. Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

KEENER, Craig S. Hermenêutica do Espírito: lendo as Escrituras à luz do Pentecostes. Trad. Daniel Hubert Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2018.

MARTINS, Helena. Sobre a estabilidade do significado em Wittgenstein. *Veredas: Revista de estudos linguísticos*, v. 4, n. 2, Juiz de Fora, MG, 2000, p. 19-42.

MCGEE, Gary B. Panorama histórico. In: HORTON, Stanley M. (org.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: 1996, p. 11-41.

MENZIES, William W.; MENZIES, Robert P. No poder do Espírito: fundamentos da experiência pentecostal: um chamado ao diálogo. São Paulo: Editora Vida, 2002.

MOLON, Newton Duarte; VIANNA, Rodolfo. O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada / The Bakhtin Circle and Applied Linguistics. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 7, nº. 2, Jul/Dez. 2012. p. 142-165.

NOEL, Bradley Truman. Pentecostal and postmodern hermenutics: comparisons and contemporary impacts. 2007. 312f. Tese (Doutorado em Teologia) – Doutorado em Teologia Prática. University of South Africa. 2007.

OLIVEIRA, Gustavo Gilson; OLIVEIRA, Anna Luiza; MESQUITA, Rui Gomes de. Teoria do discurso de Laclau e Mouffe e a pesquisa em educação. *Educação & Realidade*. Recife-Pe, v. 38, n.4, out./dez. 2013, p. 1331.

OLIVEIRA, David Mesquiati de; TERRA, Kenner Roger Cazotto. *Experiência e Hermenêutica Pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

OSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. Trad. Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes, Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PAULA, Luciana de. Círculo de Bakhtin: uma análise dialógica do discurso. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, jan./jul. 2013, p. 239-258.

PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

PLATÃO. *Diálogos* (v. IX) – Teeteto e Crátilo. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém, PA: Universidade Federal do Pará, 1973.

PONZIO, Augusto. A concepção bakhtiniana de ato como dar um passo. In: BAKHTIN, Mikhail. *Por uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miotelo e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010, p. 5-35.

RABENHORST, Eduardo R. Sobre os limites da interpretação. O debate entre Umberto Eco e Jacques Derridá. *Prim@Facies*, João Pessoa, ano 1, n. 1, jul./dez. 2002, p. 1-17.

RENFREW, Alastair. Mikhail Bakhtin. Trad. Marcos Macionilo. São Paulo: Parábola, 2017.

RODRIGUES, Ricardo Gondim. Compreendendo o universo pentecostal e estabelecendo as bases para o diálogo. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, Ano III, n. 13, 1995, p. 77-86.

SANTOS, Valmir Nascimento Milomem. Teologia pentecostal na praça pública: desafios e diretrizes para uma interface com a esfera pública. *Revista Enfoque Teológico*, São Paulo, v. 3, n. 1, 2016, p. 91-126.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral. Org. Charles Bally e Albert Sechehaye. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVEIRA, Fernando Lang da. A filosofia da ciência de Karl Popper: o racionalismo crítico. *Caderno Brasileiro de Ensino da Física*, Santa Catarina, v. 13, n. 3, dez. 1996, p. 197-218.

SIQUEIRA, Gutierrez Fernandes. Revestidos de poder: uma introdução à teologia pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

SIQUEIRA, Gutierrez Fernandes; TERRA, Kenner Roger Cazotto. Autoridade bíblica e experiência no Espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismática. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2020.

STRONSTAD, Roger. A teologia carismática de Lucas: trajetória do antigo Testamento a Lucas-Atos. Trad. Luís Aron de Menezes. Rio de Janeiro: CPAD, 2018a.

\_\_\_\_\_. Teologia lucana sob exame: experiências e modelos paradigmáticos em Lucas-Atos. Trad. Celso Roberto. Natal, RN: Carisma Editora, 2018b.

VANHOOZER, Kevin Jon. Há um significado neste texto? Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos. São Paulo: Editora Vida, 2005.

VOLOCHÍNOV, Valentin. A construção da enunciação e outros ensaios. Trad. João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLOCHÍNOV, Valentin. Marxismo de Filosofia da Linguagem. Trad. Sheila Grillo e EkaterinaVólkova Américo, 1<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLOCHÍNOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações Filosóficas. Trad. Marcos G. Montagnoli. Petrópoles, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2014.